

I Encontro Nacional de Política, Relações Internacionais e Religião

“Desafio do Estudo da Religião nas Relações Internacionais”

João Pessoa, 21 e 22 de fevereiro de 2019
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

UNIVERSIDADE POTIGUAR (UNP)

MICAELEY DANTAS DE ARAÚJO
VINÍCIUS VICTOR DE SOUSA SILVA

BRASIL, ESTADOS UNIDOS, RELIGIÃO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

“A Religião na História das Relações Internacionais, Religião e Violência,
Religião, Sociedade Civil e Relações Internacionais ”

NATAL/RN

2019

RESUMO

É sabido que a religião possui um caráter formador de identidade, que ajuda na construção de valores e princípios dos quais contribuíram para a evolução humana. Esta pesquisa apresenta uma discussão inicial, em um campo restrito, onde buscamos uma melhor compreensão da influência do fenômeno religioso nas Relações Internacionais – Tema de certo descaso pela disciplina. A dimensão religiosa forneceu estrutura para o progresso moral do indivíduo, desenvolvendo relações sociais que transcendem as fronteiras do Estado, o que moldou o cenário mundial em diferentes contextos da história, mostrando a pujança deste campo, ainda que pouco explorado. Não obstante, nos dias hoje, é possível ver essa grande força, como norteadora, sob uma perspectiva entre Brasil, com as Eleições de 2018 e Estados Unidos, com o Espírito Americano. Em que explicita o surgimento de um novo segmento marcado pela sistematização da religião em consonância ao campo político, que eleva ao um novo âmbito, mais complexo, das relações sociais. Com o surgimento deste novo complexo, os Estados norteados por princípios morais-religiosos, criam uma relação entre poder e conflito, criando um campo de ação externo. Em suma, é essencial um estudo mais específico capaz de abranger maiores interpretações desta temática.

Palavras Chaves: Estados Unidos, Eleições 2018, Brasil, Religião, Relações Internacionais

INTRODUÇÃO

O público na medida em que pensa a respeito sobre religião adota um posicionamento de acordo com suas concepções, ideais ou valores. Isso porque, a religião, como evidencia o antropólogo estadunidense Clifford Geerzt, estabelece poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens (GERRTZ, 2008, p. 67), condicionando a ação do indivíduo, e, não obstante, de uma sociedade. A capacidade de institucionalizar perante o homem valores e práticas e, por conseguinte oferecer coesão, tranquilidade, identidade e experiência dimensionará a um novo patamar as relações deste campo com outros seguimentos, entre eles, a política. A política e a religião são dois segmentos presentes desde os primórdios da sociedade e gozam de uma relação de interdependência.

Nesse sentido temos a junção inicial deste artigo. A relação de interdependência que é estabelecida entre os dois segmentos tem sido evidenciada ao longo da história – estágios da sociedade onde a política e a religião fizeram-se presente, como durante o episódio da Ponte Milvio, na Guerra Civil entre os imperadores romanos Constantino e Maxêncio, em 28 de Outubro de 312, em que Constantino elimina seu rival e atribui sua vitória à proteção do Deus Cristão, na qual o Imperador e seus soldados experenciaram uma visão do transcendente, em que a divindade superior cristã lhes prometia a vitória caso exibissem o Chi-Rho em seus escudos – Outro episódio, em um segundo momento característico desta relação, se faz presente durante o Brasil Colônia, na Teologia da Escravidão, em que a Igreja buscava congraçar os valores cristãos com o sistema vigente de exploração, criando um apoio moral para a escravidão. Em um terceiro momento, não raro, temos o processo de colonização da América do Norte, com o lema “In God We Trust” ou em sua tradução “Em Deus nós confiamos” evidencia o quanto a religião é definidora da identidade de uma sociedade.

As discussões acerca do tema, da crença do homem com o divino, têm suscitado entre os acadêmicos novos debates a fim de compreender os vigentes fenômenos que envolvem a religião e a política. É incontrovertível a diversidade de crenças existentes e, por conseguinte a diversidade de contornos que essa relação de interdependência estabeleceu, de fato, no último século. O que dimensionou os debates a um novo nível, cujo o destaque e objeto de estudo é a relação de Estados que possuem um direcionamento a partir de sua crença e valores, bem como os Estados que gozam de sua laicidade, permitindo a pluralidade e o respeito às mais diversas religiões presentes em seu território. Eventos como o próprio processo de colonização, durante

o século XVII, dos Estados Unidos, que carregam elementos como a influência da religião bem como o seu excepcionalismo e, não obstante, de forma recente, as Eleições no Brasil no ano de 2018, cujo a religião exerceu e ainda exerce um papel preponderante no que tange o condicionamento da ação. O Brasil apesar de ser um Estado Laico, é um país de maioria Cristã, seguindo por Católicos e Evangélicos. Logo, o indivíduo que não professa uma crença específica, ainda sim, está sujeito aos moldes que exerce esse conjunto de sistemas culturais e de crenças.

Em síntese, esperamos com o artigo, contribuir com as discussões sobre o tema, uma vez que nosso estudo, corroborou como o quanto pouco é explorado a temática. Buscamos a partir de um dado referencial, realizar uma pesquisa de abordagem quantitativa, com fontes de pesquisa primária e secundária, que pudessem fortalecer os dados que serão expostos e dimensionar a compreensão do leitor.

RELIGIÃO, POLÍTICA E PODER: Considerações acerca desta equação de variáveis.

À primeira vista, pode-se pensar que todos saibam o que se significa com a palavra religião e religioso. Talvez tal pressuposição esteja certa enquanto se refere às manifestações mais ostensivas. Mas quando se trata de precisar a essência da religião logo surgem dificuldades sem fim. Quem poderá fixar os limites entre o verdadeiramente religioso e o puramente cultural, folclórico ou social? [...]. Se compararmos o fenômeno religioso com o fenômeno social ou similar, podemos dizer que designamos a estrutura especial do homem definida por sistema de relações com os outros homens [...]. No fundo de toda a situação verdadeiramente religiosa encontra-se a referência aos fundamentos últimos do homem: quanto à origem, quanto ao fim e quanto à profundidade. O problema religioso toca o homem em sua raiz ontológica. Não se trata de fenômeno superficial, mas implica a pessoa como um todo. Pode caracterizar-se o religioso como zona do sentido da pessoa. Em outras palavras, a religião tem a ver com o sentido último da pessoa, da história e do mundo (ZILLES, p. 5-6).

Os indivíduos tendem a pensar a religião de forma superficial, dimensionando seu entendimento a partir da visão funcional e substantiva, ou seja, a sua essência e o que ela faz - a realidade é que não só a religião, mas o religioso é muito mais labiríntico do que se imagina. As discussões acerca deste tema suscitaram no campo acadêmico-social diversas questões, entre elas, se o fenômeno religioso estaria ligado ou não a um fator adventício da história ou se este é inerente ao ser-humano - Filósofos como Epicuro e Émile Durkheim teorizaram sobre o assunto a partir de duas óticas: Ordem Naturalística e Ordem Social, respectivamente – Sendo os primeiros a teorizar sobre a temática. Para Epicuro, o homem não conhecer a natureza, bem como seus vastos fenômenos o leva a crer a existência de seres de grande poder, enquanto para Émile Durkheim, a sociedade possui em si todos os ingredientes para despertar o sentido do divino.

Nesse ínterim, a religião e o religioso ocuparam uma parte significativa nos estágios iniciais da sociedade até o século VI a.C, na Grécia, quando o homem sai de um estado de consciência mítica e passar a dotar a razão e o discurso. O homem começa a se politizar diante a novos obstáculos que surgem no convívio em sociedade – A pluralidade de pensamentos, faz com que indivíduos de uma mesma comunidade comecem a discutir em busca em um consenso. A transição do estado de consciência mítica para a razão compreenderá um próximo passo no estágio de evolução da sociedade, contudo, o mítico, a crença no espiritual compreenderá um componente de suma importância na estruturação da coletividade. A política e a religião andarão juntas numa relação de interdependência, com determinadas ressalvas. Por todo percurso da história, e no passo da evolução das sociedades, a relação entre esses dois segmentos irá se ramificar e, por conseguinte, na história, haverá capítulos onde é posto em evidencia a religião ora como motivador, ora por influenciador – Líderes passarão a usar a crença, a relação Deus-Homem como legitimador de suas ações.

Imediatamente, logo após estabelecida relação, surge como resultado o poder ou a capacidade de induzir os outros a fazer algo que em outras circunstâncias não fariam. Líderes, Comandantes e Dirigentes passaram a usar a fé como ferramenta de dominação – Recortes historiográficos corroboram que com a premissa podem ser evidenciadas nas Cruzadas, em 1095, quando o papa Urbano II reuniu dirigentes católicos para unir suas forças contra os infiéis muçumanos, a Revolução Industrial que impulsionou grandes transformações na Europa, entre os séculos XVIII e XIX, quando os indivíduos surgem com novas crenças, a fim de dar sentido a sua existência,– Algo que o sociólogo Karl Marx analisará e posteriormente irá definir a religião como sendo o “ópio do povo”, ou seja uma ilusão criada para suprir as necessidades e amenizar o sofrimento da realidade terrena – E, na última década, o conflito civil sírio, iniciado em 2011,

que apesar de ter um viés político-social, sofre influência direta da religião pela diversificação dos povos existentes, isto é, os sunitas, os xiitas e os alunitas bem como diversos outros grupos étnicos, com taxas percentuais inferiores a dez porcento. A reivindicação de melhor qualidade de vida por parte sociedade frente a contínua de manutenção do poder do governo Bashar Al-Assad constitui um dos principais problemáticas deste conflito.

RELIGIÃO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS:

Uma vez analisado a relação entre RELIGIÃO, POLÍTICA E PODER, depreende-se novas ramificações voltadas para o entendimento das RELAÇÕES INTERNACIONAIS – Disciplina que visa o estudo sistemático de diversos campos, entre eles, o social, que será o objeto a ser discutido neste tópico. A religião por meio de sua ordem de existência geral, de suas percepções, normas e ideologias, contribuiu para um novo status na relação entre os Estados. Isso porque, naturalmente a diversidade de pensamentos e, por conseguinte de crenças, irá criar divergências, ocasionando barreiras e por vezes conflitos motivados pela busca de poder – Ações que são legitimadas por meio da fé.

A junção inicial para o entendimento da relação deste segmento com as relações internacionais parte de antes de Westfália, durante a Guerra dos Trinta Anos – Um conflito fundamentalmente religioso que reconfigurou o cenário geopolítico na Europa, concentrando diversas unidades políticas sobre o domínio do Sacro Império Romano – Germânico. As rivalidades entre o Imperador do Sacro Império com os príncipes de outras dinastias fizeram emergir na Europa um embate de grande complexidade. É importante lembrar que apesar de ser um conflito fundamentalmente religioso, a Guerra dos Trinta Anos inclui como causa a luta pela afirmação de poder, e nesse contexto o Sacro Império Romano – Germânico lutava não somente pelo domínio político e econômico, mas contra os ideais protestantes, tentando recuperar o interior da cristandade medieval. O conflito se encerra com a Paz de Westfália, em 1648, com o estabelecimento de uma estrutura que permanece até os dias atuais, com o regime estatocêntrico, com a plena participação de Estados Soberanos.

Esta sintética recordação, permite-nos avançar para análise. Diversos ensaios contestam a influência do coeficiente religioso nas relações internacionais, todavia, trata-se de uma premissa que deve ser analisada com muito critério – As relações entre sociedades já eram baseadas por normas vindas a partir de princípios de diferentes sistemas de crenças – As relações apesar de compreenderem um estágio mais primitivo do que existe atualmente, supriam de forma

substancial o cenário vigente da época. E é nesse ponto em que encontramos a presença das relações internacionais que paralelamente ao presente, irá conduzir a política externa de seus Estados conforme suas concepções - e mesmo aqueles que são laicos, assim como os indivíduos, irão residir em um campo cultural e social marcado pelo aspecto religioso – Recortes como a atuação do Papa João Paulo II no final da Guerra Fria e o Conflito entre fundamentalistas radicais mulçumanos e não mulçumanos exemplificam como os Estados são marcados por essa relação.

A conexão entre religião e política possui laços fortes em países como Brasil e Estados Unidos. Por mais que estes sejam Estados laicos, a procura de suas populações por representantes católicos vem aumentando a cada eleição. Caso que aconteceu nesta última eleição no Brasil, se dado em vinte e oito de outubro, em que o presidente eleito apresenta fortes características cristãs. Além de que, a sua escolha de ministro refletiu ainda mais seu posicionamento religioso, elegendo pessoas como o Ernesto Araújo e Damares Alves. Uma vez que a estrutura de um governo representa uma determinada religião o Estado passa a perder características de laico, visto que é algo que se torna cada vez mais presente em nossa realidade. O antropólogo Ari P. Oro ressalta que no período que antecede as eleições, a Igreja Católica sempre expressa sua posição e orienta seus fiéis sobre quem devem votar, agindo com empenho quando há um confronto com outro candidato.

BRASIL E AS ELEIÇÕES DE 2018:

Ernesto Araújo mostra em seus trabalhos sua opinião pouco favorável sobre um “domínio” asiático/oriental no mercado internacional, visto que ele defende o ocidente com veemência por acreditar na força e na história que o ocidente carrega. Para retomar a presença do ocidente, Araújo denomina Trump como um líder, por adotar uma postura diferenciada dos demais presidentes no mundo, principalmente em proteção do ocidente. Bem como Araújo pretende fazer durante seu período atuando como Ministro das Relações Exteriores em conjunto com o presidente Jair Bolsonaro. Ernesto Araújo enfatiza em seu discurso de posse, “a vocação do Brasil não é ser um país que simplesmente existe para agradar. Queremos ser escutados, (...) queremos ser escutados por ter algo a dizer”. Seu posicionamento mostra o desejo por mudança e ainda em seu discurso Araújo ressalta os valores espirituais para a união da nação.

Nesta nova gestão esperasse que ocorram muitas mudanças, tanto internamente como externamente, dentre elas uma é aproximar cada vez mais relações entre Brasil e Estados Unidos. Medida muito diferente dos governos anteriores, visto que eles focavam nas relações com a China e com ideias e princípios um pouco diferentes. Ao focar no governo Lula, de 2003 a 2011, que foi considerado como uma grande mudança na história tanto política quanto social do Brasil. Se destacando por seus movimentos de esquerda e sociais, mas também obtendo importante ajuda “ da Igreja, nesta dinâmica sociopolítica, tem sido o de parceira e, também, de "parteira" de vários movimentos sociais. ” (AZEVEDO,2004). Isto é, houve um período em que a igreja e a política se apoiavam claramente, não somente no governo atual.

Trump também adota princípios religiosos em seu governo, o que também irá fazer parte do governo do presidente Bolsonaro, unindo nacionalismo e fé. Trump vê a ameaça do ocidente nos terroristas islâmicos e burocracias na economia, além disso a maior ameaça para ele é a perca da identidade. Araújo acrescenta, “Trump fala de Deus, e nada é mais ofensivo para o homem pós-moderno, que matou Deus há muito tempo e não gosta que lhe recordem o crime”. Araújo inclui informação sobre um “livro recente do filósofo de esquerda francês Michel Onfray, Décadence, que, partindo de uma atmosfera intelectual muito diferente de Trump, chega à conclusão, muito semelhante, de que o Ocidente está fadado a desaparecer diante do Islã, pois os muçulmanos estão dispostos a morrer por sua civilização e os ocidentais não”.

ESTADOS UNIDOS:

A fim de compreender como o cenário norte-americano é influenciado pelo aspecto religioso, assim como sua singularidade diante o cenário internacional, se torna imperativo de antemão fazer alguns apontamentos iniciais. Os Estados Unidos fruem de uma notória história, desde o seu período de colonização até os dias atuais – O contexto em que se insere o percurso norte-americano é marcado fundamentalmente pela crença de uma vontade divina sobre o novo continente, que até então contava com a presença de apenas os nativos, sendo sua colonização iniciada por volta do século XVI, com os exploradores Europeus.

Não demorou para que diferentes grupos da Europa começassem a migrar para o novo continente. Huberman em sua obra *História da Riqueza dos Estados Unidos (Nós, o povo)* reitera alguns aspectos destas migrações, a partir do seguinte trecho:

“Um enorme pão, de boa qualidade, atraía então a maioria dos povos que emigravam para a América. Mas muitos vinham por outras razões. Uma delas era a perseguição religiosa. Se alguém fosse católico num país protestante, ou protestante num país católico, ou protestante em outro país também protestante, muitas vezes sua vida era intolerável. Podia ter dificuldades em obter um emprego, podia sofrer desprezo ou ser alvo de pedras atiradas em sua direção. Ou podia até mesmo ser assassinado por ter uma religião errada (isto é, diferente). Vinha a saber da existência da América, onde a religião não fazia grande diferença, onde podia ser o que quisesse, onde havia católicos, protestantes, judeus. Para a América, pois!” (Huberman, 1987, p.7)

Nesse ínterim, grandes transformações irão acontecer no Novo Continente - O caráter inicial, exploratório será deixado de lado e os grupos migratórios irão constituir algo único, que será expressado através de uma filosofia denominada como Destino Manifesto, onde externaliza o conjunto de crenças nacionalistas e expansionistas, em que o povo americano foi escolhido por Deus para governar o mundo - sendo uma manifestação da vontade divina. Esta última referência permite afirmar o excepcionalismo que é posto em evidência ao longo da história americana e nos dias de hoje.

Em meio a esta ideia seguimos para uma análise mais profunda de componentes presentes que reiteram essa relação do Estado com a Religião. Talvez o exemplo de maior totalidade desta relação resida na Declaração de Independência dos Estados Unidos, em 1787, redigida por Thomas Jefferson – Documento a qual contém uma das frases mais pujantes da história americana e, não obstante passou a representar um padrão moral que os Estados Unidos devem alcançar, sentença a qual reconhece Deus como criador de nossos direitos:

Consideramos estas verdades como evidentes por si mesmas, que todos os homens são criados iguais, dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, que entre estes estão a vida, a liberdade e a procura da felicidade.

Outro componente que realça essa relação Estado e Religião é o Hino dos Estados Unidos da América, escrito por Francis Scott Key, em 1814, depois de testemunhar o bombardeamento do Fort McHenry, na Guerra Anglo-Americana, em 1812 - situação a qual a fé e a crença se mostram definidoras na identidade do povo estadunidense, que de acordo com sua fé, apesar dos tempos difíceis, Deus os sustentaria frente as adversidades - no quarto verso ele destaca:

*Ó, assim seja sempre, quando os homens livres se colocarem
Entre seu amado lar e a desolação da guerra!
Abençoada com vitória e paz, que a terra resgatada pelos céus
Louve o Poder que nos fez e preservou como nação.
Então prevalecer devemos, quando nossa causa for justa,
E este seja nosso lema: "Em Deus está nossa confiança ".
E a bandeira estrelada em triunfo tremulará
Sobre a terra dos livres e o lar dos valentes!*

Logicamente, a influência da fé na relação com os Estados Unidos segue até os dias de hoje. A variante secular do excepcionalismo juntamente com o cultural e social do indivíduo compõe o modelo democrático e liberal construído. Desde seu processo de colonização, no século XVI, até hoje, o povo americano conta com essa relação e, ao longo de sua história, líderes e presidentes promoveram-se a partir disto, da capacidade da fé e da crença em despertar sensações no indivíduo. A história nos mostra, em referência aos presidentes – personalidades como Washington, Franklin Roosevelt e George Bush pertencentes a denominações religiosas, figuras que seguiram o tradicionalismo e governaram a Nação em períodos distintos de sua trajetória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O principal objetivo deste trabalho foi contribuir para os estudos acerca da temática de relações internacionais e religião - assunto pouco explorado no âmbito acadêmico por contar com uma série de variáveis no que tange ao fenômeno religioso e, por conseguinte as relações internacionais.

O primeiro passo deste trabalho foi estabelecer uma ótica em que a temática seria trabalhada. Brasil e Estados Unidos nos últimos anos têm se destacado no que tange a religião, as relações internacionais e a política. Os Estados Unidos com Excepcionalismo Americano e o Brasil, com as Eleições Presidenciais, com o candidato Jair Messias Bolsonaro com o lema “-Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. A religião como fora abordada no artigo, possui um papel preponderante no que se refere as questões do indivíduo e sociedade, criando um caráter de identidade, compartilhando práticas e experiências que auxiliam o indivíduo em sua ordem de existência geral.

Pensando em criar uma linha de entendimento ao leitor, se fez necessário retomar alguns aspectos da religião e das relações internacionais – A vivência religiosa, bem como alguns eventos de caráter histórico, como a Paz de Vestfalia. Tópicos de total importância para quem busca entender como o molde do fenômeno religioso influência um indivíduo ou uma sociedade de forma inerente. Buscamos enfatizar pontos como recortes historiográficos, discussões filosóficas e analisar dois países que apesar de laicos possuem influência total da religião no tocante aos indivíduos e as ações dos governantes, que por meio da fé e da crença legitimam suas ações para um domínio. Foram investigados desde artigos científicos até documentos e resoluções para melhor compreender os paradigmas que giram em torno deste assunto nos dias de hoje.

A conclusão final deste artigo é que através de tudo que foi trabalhado, se faz necessário aprofundar as discussões acerca desta temática. Novos fenômenos axiomáticos desta relação necessitam de novas abordagens teóricas que possam abranger diferentes áreas a fim de criar um conhecimento maior, diversificado e consolidado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- NOVAES, Regina Reyes. A divina política, nota sobre as relações delicadas entre religião e política. Revista Usp, São Paulo, n. 49, p.60-81.
- ORO, Ari Pedro. Religião e política no Brasil. Cahiers Des Amériques Latines. Rio de Janeiro, p. 204-222. 2005. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/cal/7951#tocto1n2>>.
- CUNHA, Christina Vital da. Religiões, sentimentos públicos e as eleições 2018. Heinrich BÖll Stiftung, Rio de Janeiro, 27 ago. 2018. Disponível em: <<https://br.boell.org/pt-br/2018/08/27/religoes-sentimentos-publicos-e-eleicoes-2018>>.
- AZEVEDO, Dermi. A Igreja Católica e o seu papel político no Brasil, USP Estudos Avançados, Dossiê Religiões no Brasil, nº 52, set-dez 2004.
- MOITA, Luís (2012). "Uma releitura crítica do consenso em torno do «sistema vestefaliano»". JANUS.NET e-journal of International Relations, Vol. 3, N.º 2, outono 2012.
- GELLNER, E. (1993), Nações e nacionalismo, Lisboa: Gradiva trad. Inês Vaz Pinto.
- FONSECA, Carlos. “Deus Está do Nossa Lado”, Rio de Janeiro, Contexto Internacional (2007)
- BEZERRA, Carina. História Geral das Religiões. Recife, Pernambuco
- DELFINO, Silas do Carmo. O ESTUDO DA RELIGIÃO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS. Belo Horizonte (2010)